



Novos Cadernos NAEA

v. 27, n. 2 • maio-ago. 2024 • ISSN 1516-6481/2179-7536



**FÓRUM DAS CIDADES AMAZÔNICAS
E AS NARRATIVAS EM TORNO DAS (I)
MATERIALIDADES SOBRE A AMAZÔNIA: (IN)
VISIBILIDADES EM CENÁRIOS DE DISPUTA**

**FORUM OF AMAZONIAN CITIES AND THE NARRATIVES
AROUND THE IMMATERIALITIES ABOUT THE AMAZON: (IN)
VISIBILITIES IN DISPUTE SCENARIOS**

Manuela do Corral Vieira



Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Amanda Santos de Oliveira



Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

RESUMO

O presente trabalho objetiva uma análise dos agenciamentos, jogos políticos e econômicos nos simbolismos (i)materiais do Fórum das Cidades Amazônicas, evento que reuniu autoridades políticas e população civil para a discussão da dimensão urbana de cidades no espaço amazônico. A partir da observação participante, o artigo observou o evento e as trocas ocorridas nele, entram em questão os objetos materiais presentes no ambiente, a programação dos dias do evento, bem como os discursos e o produto final do Fórum das Cidades Amazônicas: a Carta de Belém. As narrativas desdobradas dos objetos materiais presentes no ambiente do Fórum são o âmago do trabalho em questão; existe a tentativa de compreender se há, de fato, o protagonismo dos espaços/sujeitos integrantes da Amazônia. Com o auxílio dos estudos em Consumo e Cultura Material, percebeu-se que o funcionamento dos debates, das disposições imagéticas, materiais e discursivas foram, na verdade, a perpetuação de um pensamento fundado nas bases do colonialismo que ainda enxerga a Amazônia como reserva econômica e os povos que a habitam como figurantes.

Palavras-chave: Fórum das Cidades Amazônicas; cultura material; consumo; narrativas; simbolismos; invisibilidades.

ABSTRACT

This work aims to analyze the political and economic agencies in the (im)material symbolisms of the Amazon Cities Forum, an event that brought together political authorities and the civil population to discuss the urban dimension of cities in the Amazon space. Based on participant observation, the article observed the event and the exchanges that took place there, bringing into question the material objects present in the environment, the schedule of the event days, as well as the speeches and the final product of the Amazon Cities Forum: The Letter of Belém. The narratives unfolding from the material objects present in the Forum environment are the heart of the work in question; There is an attempt to understand whether there is, in fact, the protagonism of the spaces/subjects that make up the Amazon. With the help of studies in Consumption and Material Culture, it was realized that the functioning of the debates, of the imagery, material and discursive dispositions were, in fact, the perpetuation of a thought founded on the bases of colonialism, which still sees the Amazon as a reserve economy and the people who inhabit it as extras.

Keywords: Amazon Cities Forum; material culture; consumption; narratives; symbolisms; invisibilities.

1 INTRODUÇÃO

Ao escrever sobre memórias pessoais da infância e juventude, Eneida de Moraes, escritora e militante paraense, frisa a importância do banho de cheiro¹ no próprio cotidiano. Eneida de Moraes conta que “[...] jamais deixarei de dar, ao banho-de-cheiro de minha terra (Belém), uma pequenina parcela na construção de minha felicidade” (Moraes, 1962, p. 10). Observar a relação de Eneida (como preferia ser chamada) com o banho de cheiro elucidava o entendimento da magnitude dos objetos materiais na nossa vida, não apenas do material – aqui entram as folhas, ervas, pedacinhos de madeira utilizadas no ritual –, mas também do imaterial, do que não é possível tocar e ver.

Assim como mencionado por Eneida de Moraes (1962), a imaterialidade e materialidade existentes nas comunidades da região amazônica podem ser encontradas nas celebrações regionais, nas manifestações religiosas, nos rituais culinários, dentre outros. Além dessas possibilidades, as quais já se mostram inúmeras, existem as materialidades mais “simples”, escondidas no cotidiano, dispostas no dia a dia (Miller, 2013). Os exemplos que relacionam a cultura material com os indivíduos, com experiências e com histórias são incomensuráveis.

Ainda que o banho de cheiro fosse a representação da infância, da cidade que vivia, da felicidade e da floresta que a circundava, outros objetos certamente faziam parte da constituição da realidade e das práticas de consumo de Eneida, itens capazes de evocar potencialidades e vivências. Essa é uma das características primordiais da cultura material: ela tem o poder de contar histórias, narrativas, dar sentido ao que é sentido. As coisas contribuem para a construção da realidade porque conseguem registrar de forma tangível um significado que, sem o apoio dos itens, seria intangível (McCracken, 2007).

Inserido na possibilidade de atuações da cultura material, entra em questão o consumo, categoria teórica que também auxilia o presente artigo. Clotilde Perez (2020) diz ser o consumo “um ritual de construção de vínculos de sentido pela mediação da cultura (i)material, que envolve múltiplos processos sógnicos hierárquicos e de natureza complexa”. A autora ainda afirma que o consumo não é apenas um ato (majoritariamente enxergado

¹ Tradição na região norte do Brasil. O banho de cheiro combina cheiros, plantas, ervas, folhas amazônicas para a “limpeza da alma”. Alguns banhos possuem objetivos mais específicos: trazer o amor, proteção contra energias negativas, auxílio na busca de emprego, dentre outros.

como a compra), ele é um processo que abriga diversas possibilidades – são consumidos, de diferentes formas, os símbolos, as narrativas, os discursos, os objetos, os significados.

Sendo uma das regiões mais conhecidas do planeta, é natural que a Amazônia carregue um valor simbólico imaterial e material considerável, consumidos diariamente pelos habitantes, mas não somente por estes. Apesar de ser encarada como a natureza em seu estado intocado, a Amazônia e os indivíduos sempre estabeleceram, e continuam a estabelecer, relações que envolvem materialidades e simbolismos entre si (Fraxe; Witkoski; Miguez, 2009). Por isso, além de alguns termos (que em grande maioria reafirmam a imagem da Amazônia de “reserva natural”, pronta para ser utilizada econômica e politicamente quando todas as outras opções se esgotarem), existem também as imagens e simbolismos relacionadas à região. Sobre isso, é importante mencionar o conceito de “Marca Amazônia”, desenvolvido por Otacílio Filho, que a compreende como “representação simbólica da região, institucionalizada por parâmetros socioeconômicos e culturais publicizados em escala mundial” (Amaral Filho; Castro; Costa, 2015, p. 107).

Essas representações simbólicas são constantemente utilizadas pelo campo da comunicação – entram em questão a publicidade, os meios jornalísticos ou a própria troca de informações por intermédio de signos imagéticos e/ou discursivos – para facilitar a assimilação do que seria a Amazônia para a sociedade brasileira e ocidental (Amaral Filho; Castro; Costa, 2015). Alguns elementos são essenciais para a construção imaginária da região: a cor verde, animais exóticos, mata virgem, rios e igarapés, artesanato indígena (Amaral Filho; Castro; Costa, 2015), entre outros que serão mencionados no decorrer do artigo. Esses itens, consumidos e assimilados por indivíduos, intencionam repassar uma mensagem.

Consumir objetos, como mencionado anteriormente, é também consumir simbologias e sensibilidades. É comum, por exemplo, que emoções sejam evocadas pela materialidade; as coisas são aqui encaradas como entidades de sentido, que provocam, e não são redutíveis às estruturas fixas de significações (Souza; Dias, 2022). Essa característica de produzir efeitos nos indivíduos, justamente pelos significados e mensagens que carregam, é o poder de agência, também consumido pelos indivíduos juntamente com o próprio objeto.

Neste sentido, as mensagens agenciadas pelos objetos que representariam a Amazônia podem variar de acordo com os interesses de

quem o propaga. Mas, é possível afirmar que a grande maioria dos usos é direcionada para perpetuar a ideia da Amazônia mítica, a riqueza mundial que está ameaçada (Amaral Filho, 2016). De qualquer forma, destacamos que a Amazônia é, no presente artigo, percebida não apenas como uma marca, mas também objeto de consumação e apropriação em narrativas sociais, históricas, políticas e econômicas.

Dentro desse contexto, o presente trabalho intenciona realizar um estudo de caso do “Fórum das Cidades Amazônicas”, evento que ocorreu em Belém, no estado do Pará, nos dias 3 e 4 de agosto de 2023. O Fórum reuniu prefeitos e autoridades de cidades amazônicas nacionais e internacionais, sendo um ambiente em que, de acordo com o site da Prefeitura de Belém, “[...] as prefeituras amazônicas, dos oito países da região, constituam um espaço permanente para a construção e implementação de iniciativas conjuntas” (Belém, 2023). Vale ressaltar que a área do bioma amazônico abrange nove países: Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa, e que representantes políticos de todos os países mencionados estiveram presentes no evento que norteia as análises do estudo.

A pesquisa em questão tratará sobretudo da Amazônia brasileira, mesmo que o objeto alcance a relação desta com as Amazônias de países vizinhos. Além disso, ainda que o Fórum das Cidades Amazônicas tenha reiterado a presença de personalidades políticas, representantes de outras áreas em situação de vulnerabilidade ambiental, geográfica, econômica e climática também participaram.

Objetiva-se analisar o evento e as trocas ocorridas nele, entram em questão os objetos materiais presentes no ambiente, a programação dos dias do evento, bem como os discursos e o produto final do Fórum das Cidades Amazônicas: a Carta de Belém, documento que reuniu as decisões oriundas das discussões entre autoridades e sociedade. Para a realização do estudo foram utilizadas as seguintes metodologias: observação participante, realizada nos dias do evento – a observação participante foi essencial para presenciar cenas importantes para as discussões promovidas nos tópicos seguintes e para dialogar com convidados, autoridades, trabalhadores, civis –, além da consulta de dados sobre o evento, tais como matérias jornalísticas, programação, imagens veiculadas nas mídias sociais e principais participantes, tendo a presença de líderes e formadores de opinião de diversos tipos.

Pelo teor dos debates que ali seriam realizados, o local que abrigou o evento, Hangar Centro de Convenções², apresentava como decoração elementos típicos da Marca Amazônia. É a partir das narrativas desdobradas dos simbolismos e dos objetos materiais que o artigo centra suas análises. Com o apoio dos referenciais teóricos da Cultura Material (McCracken, 2007; Miller, 2008, 2013), da Marca Amazônia (Amaral Filho, 2016), e do Consumo (Perez, 2020), o trabalho busca uma análise dos agenciamentos e jogos políticos e econômicos, tensionados a partir da perspectiva do consumo dos objetos e simbolismos utilizados no Fórum das Cidades Amazônicas.

Além disso, existe no estudo a tentativa de compreender os efeitos desses agenciamentos para a população local e para o próprio espaço. Segue-se havendo uma reprodução do ideal de Amazônia enquanto fornecedora ou ela, assim como os sujeitos que a habitam, passam a ter, de fato, protagonismo?

2 FÓRUM DAS CIDADES AMAZÔNICAS: MARCA AMAZÔNIA E MARCAS DA COLONIALIDADE

Como pontuado, o Fórum das Cidades Amazônicas aconteceu durante os dias 3 e 4 de agosto de 2023, em Belém, no Centro de Convenções Hangar – este que é palco de feiras, shows, formaturas, eventos regionais/nacionais/internacionais. O evento foi promovido pela Prefeitura Municipal de Belém com o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)³ e da empresa privada *Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit* (GIZ)⁴.

O objeto de análise desse artigo, também denominado apenas como Fórum, ocorreu em um momento importante não apenas para o país (entra em questão a vigência de um novo governo, depois de quatro anos de descaso social, econômico e ambiental), mas também para a própria cidade de Belém⁵, que havia sido eleita, poucos meses antes, a sede da 30ª

² Local onde, em Belém, capital do Pará, ocorrem feiras, exposições, congressos, espetáculos e shows.

³ Organização financeira que tem como propósito financiar projetos de desenvolvimento econômico e social em regiões da América Latina e o Caribe (BID, 2024).

⁴ Empresa privada alemã, especializada em projetos de cooperação técnicos e de desenvolvimento sustentável em escala mundial (GIZ, 2024).

⁵ Não se deve esquecer que, assim como a escolha de um novo presidente para o país, também foram eleitos os governadores dos estados brasileiros. Esse aspecto não deve ser deixado de lado já que Helder Barbalho recebeu 69,40% no total de votos válidos e conseguiu a reeleição ainda no primeiro turno (Helder [...], 2022). Adiciona-se a todo esse cenário o apoio do atual governador do Pará a Luís Inácio Lula da Silva, que alcançou a maioria de votos no estado.

Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP-30), prevista para novembro de 2025.

Sendo palco de uma das maiores conferências climáticas mundiais, Belém passa atualmente por um momento de exaltação e discussão intensa de assuntos que dizem respeito à Amazônia. Prova concreta disso é que concomitante ao Fórum também acontecia o Diálogos Amazônicos, evento que reuniu iniciativas da sociedade civil, de 4 a 6 de agosto, para formular novas estratégias para a região. As discussões e estratégias discutidas no Diálogos Amazônicos e Fórum seriam apresentadas posteriormente na Cúpula da Amazônia, que também aconteceu em Belém, nos dias 8 e 9 de agosto.

Todos esses eventos, Fórum das Cidades Amazônicas, Diálogos Amazônicos e Cúpula da Amazônia reuniram importantes representações políticas do Brasil e de países vizinhos, ainda que de formas diferentes. Por exemplo, no Fórum, majoritariamente estiveram presentes prefeitos/prefeitas (dentre eles, Edmilson Rodrigues, atual prefeito de Belém), *alcaldes/alcaldesas*⁶, presidentes/presidentas de instituições relacionadas a temática amazônica e assessores/assessoras internacionais e nacionais. Cabe ainda citar que o Fórum das Cidades Amazônicas recebeu também o suporte do Ministério das Cidades, além de contar com a presença de Jader Filho (atual Ministro das Cidades), Carlos Tomé Júnior (secretário nacional de Desenvolvimento Urbano) e Cristiana Scorza Guimaraens (diretora do Departamento de Estruturação do Desenvolvimento Urbano e Metropolitano).

O Diálogos contava com a presença do governador Helder Barbalho, ministros e ministras federais, além dos que estavam envolvidos no Fórum (em determinado momento, os dois eventos aconteceram juntos e as conversas se encontraram). Na Cúpula, estavam os presidentes de países que financiam o Fundo Amazônia, presidentes de países em desenvolvimento com floresta tropical, além do próprio presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. Essas informações mostram-se importantes para encarar os consumos e simbolismos com olhares que transcendam a ideia da compra/venda de objetos, imagens e/ou experiência.

Lúcio Flávio Pinto, jornalista e escritor paraense, destaca, em entrevista, que durante toda a trajetória da Amazônia, os governos sempre a enxergam como a possibilidade de suprir a baixa poupança e diz que “os grandes projetos foram concebidos para gerar dólares e executados com muita

⁶ Do espanhol, trata-se do nome dado aos prefeitos/prefeitas de cidade dos países pan-amazônicos.

competência” (Pinto, 2019). Ao observar os princípios que regem política e economicamente o funcionamento da Amazônia no país e no mundo, olhar de forma crítica para eventos que falem sobre esse espaço torna-se essencial. O Hangar apresentava-se, midiaticamente, inclusive, preparado para receber a sociedade civil e entidades brasileiras e estrangeiras. Toda a disposição das imagens, dos objetos, das narrativas e discussões perpassam por áreas econômicas e políticas e comunicam sobre os olhares e formatos que a Amazônia em si é encarada e representada.

Miller (2008) argumenta que existe uma humildade natural nas coisas, essa humildade faz com que os objetos atuem silenciosamente como guias das nossas próprias percepções. A mensagem transmitida pela materialidade não é transmitida por uma voz intimidadora, mas sim por uma força oculta no interior da substância desses materiais e essa característica os torna poderosos quando postos a favor de uma determinada corrente de pensamento (Miller, 2008).

Quando determinadas simbologias e materialidades são escolhidas para representar o que seria a Amazônia, deve-se lembrar que esses símbolos e bens também são pré-estabelecidos para esse tipo de uso e, quando há uma certa universalização do que deve ser utilizado em espaços que debatem a Amazônia, há agenciamentos, mas igualmente apagamentos. Mais importante ainda é lembrar que esses objetos (i)materiais apresentam-se fora e dentro da Amazônia, e podem contribuir para desalojar as múltiplas identidades de quem os habita em nome do mercado (Braga, 2009).

No local em que aconteciam as conferências mencionadas anteriormente, incluindo o principal objeto de estudo do artigo, o Fórum, características da Marca⁷ Amazônia direcionavam a estrutura do Hangar Centro de Convenções (Figura 1): grandes cenários verdes, pássaros coloridos suspensos por fios invisíveis, pássaros em contatos com áreas verdes, nuvens que caracterizam os “rios flutuantes” também suspensas por fios invisíveis, dentre outros.

⁷ A definição de marca, no presente artigo, converge com os dizeres de Amaral Filho (2016, p. 53), isto é, “uma construção social a partir de um lugar onde são produzidas as leis do mercado e este conjunto de relações que são estruturadas a partir delas”.

Figura 1 – Estrutura do Hangar Centro de Convenções durante o Fórum das Cidades Amazônicas



Fonte: Hangar Pa (2023).

Ademais, Amaral Filho (2016) ainda aponta duas orientações que a Marca Amazônia apresenta: a lógica do desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social – ambos retratados nos objetos presentes na estrutura do Fórum e no escopo de discussões que ali seriam apresentadas.

É possível identificar, na constituição estrutural do espaço do Hangar, a formulação simbólica e representativa da Amazônia. Essa representação é “construída pela lógica midiática e que por isso mesmo, ao trafegar como imagem identitária no espaço público, oferece suas significações dentro dessa mesma lógica” (Amaral Filho, 2016, p. 104). O que entra em questão quando são estudadas as representações midiáticas do que é a Amazônia são os agentes por trás dos significados ali agenciados pela cultura material, por exemplo. O autor em comento também diz que se deve considerar os sujeitos envolvidos nas relações de poder que compõem os procedimentos de produção de imagens e, como imagens também estão no leque de possibilidades da cultura (i)material, o trabalho as encara como possuidoras de agência, sentidos e significados.

O processo de criação do imaginário em torno da região amazônica faz parte de um passado histórico marcado pelo colonialismo, pela exploração e mitificação. Os discursos coloniais que regiam as ações voltadas para a região eram o do desenvolvimento, da transformação de uma área “selvagem” em um espaço muito parecido com o de Portugal que, na visão dos próprios portugueses, estava a frente do Brasil na “escala de evolução” (Lima; Gadelha, 2015).

Ainda que a invasão portuguesa ao país tenha ocorrido há mais de 500 anos, o que norteia as discussões em eventos sobre a Amazônia ainda é o desenvolvimento (mas agora com a adição da palavra sustentável), e as imagens, os objetos que conduzem o simbolismo da região, bem como a estruturação de eventos, continuam com grandes características da mitificação. Em outras palavras, “essa estereotipia alimenta uma ação dominante que tem sua lógica na colonialidade” (Amaral Filho, 2016, p. 83).

Reconhecer a existência das marcas da colonialidade nas práticas econômicas, políticas e discursivas na Amazônia implica em reconhecer, também, o peso de programações como o Fórum das Cidades, que foi encarado e divulgado como uma ação preparatória para a COP30. O desenvolvimento sustentável norteou a programação e as pautas discutidas no evento. “O papel das cidades para a conservação e o desenvolvimento sustentável da Amazônia”, “Capacidades institucionais para um futuro sustentável”, “Geração de empregos sustentáveis no radar da bioeconomia nas cidades amazônicas”, “Amazônia urbana, construções coletivas para o desenvolvimento sustentável” e “Apresentação de Iniciativas para o desenvolvimento e promoção de ações futuras do Fórum de Cidades Amazônicas” foram algumas das palestras⁸ e discussões proporcionadas pelo encontro. Todas as palestras mencionadas possuem as palavras “desenvolvimento” e/ou “sustentável”. Apesar da gama de rodas de conversa sobre o tema, é importante questionar até onde reverberam esses debates, tendo em vista a dissonância do próprio desenvolvimento sustentável⁹ aplicado em uma sociedade capitalista.

Propriedade privada, obtenção de lucro, acumulação de riquezas, divisão de classes e exploração do trabalho são algumas das características primordiais no funcionamento de uma economia capitalista (Dalla Libera;

⁸ Programação completa em Belém (2023).

⁹ O presente artigo encara desenvolvimento sustentável pelas lentes do Relatório Brundtland (Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991), em que o termo pressupõe a busca por um modelo econômico capaz de suprir as necessidades da atual geração sem comprometer atender as necessidades das futuras gerações.

Calgaro; Rocha, 2020). Os autores também aludem que as ações no capitalismo foram e são motivadas pelo lucro e, diante desse cenário, complica-se o alcance de um modo de vida e de produção que possa ser encarado como sustentável.

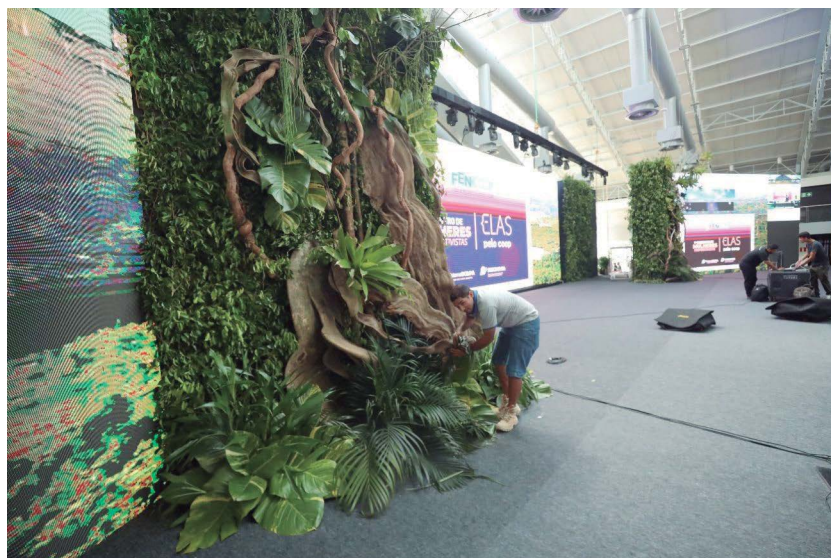
O resultado da dissonância entre os termos é um olhar ao sustentável sempre direcionado a partir das características primordiais do sistema capitalista: um olhar exploratório e lucrativo. Ao partimos do princípio de que as informações, juntamente com as imagens, os objetos e simbolismos, também são consumidas e que essas informações podem ser influenciadas por fluxos de capital e poder (Featherstone, 1995), indaga-se o que se consome e o que se (re)constrói nas práticas narrativas, midiáticas e simbólicas de eventos como o Fórum.

3 (IN)VISIBILIDADES NARRATIVAS E MIDIÁTICAS

A discussão da dimensão urbana das cidades inseridas no espaço amazônico se estabelecia como uma das principais pautas a serem discutidas no Fórum das Cidades. Dentro do leque de possibilidades da dimensão urbana entram tópicos como desenvolvimento sustentável, como já exposto, aplicação de políticas públicas, estruturação de espaços sociais, etc. No primeiro dia de evento, 3 de agosto de 2023, o acesso às discussões era restrito aos prefeitos/prefeitas e *alcaldes/alcaldesas*. Apesar do acesso restrito, o credenciamento da sociedade civil já era possível – o qual era feito na área de entrada do Hangar, em um ambiente separado.

A execução do credenciamento não anulou as dificuldades da presença do corpo civil no evento; complicações na efetivação da inscrição e na incerteza das informações repassadas pelas equipes responsáveis, que estavam no local, é o bastante para pensar na possibilidade de o evento não estar preparado para a recepção de cidadãos que não ocupassem cargos políticos, tendo em vista que os que ocuparam não enfrentaram tamanhas dificuldades para garantir o acesso. Juntamente com os indivíduos que integravam as longas filas de espera para o credenciamento de entrada (que seria possível apenas no dia posterior) estavam em processo de montagem das demais estruturas que abrigariam o Diálogos Amazônicos e a Cúpula da Amazônia (Figura 2). Áreas verdes, pássaros coloridos, fotografias de grandes rios e artes com traços indígenas se materializavam no Hangar, diferente da presença civil.

Figura 2 – Montagem da estrutura do Hangar para receber o Fórum das Cidades Amazônicas, o Diálogos Amazônicos e a Cúpula da Amazônia



Fonte: Montagem [...] (2023).

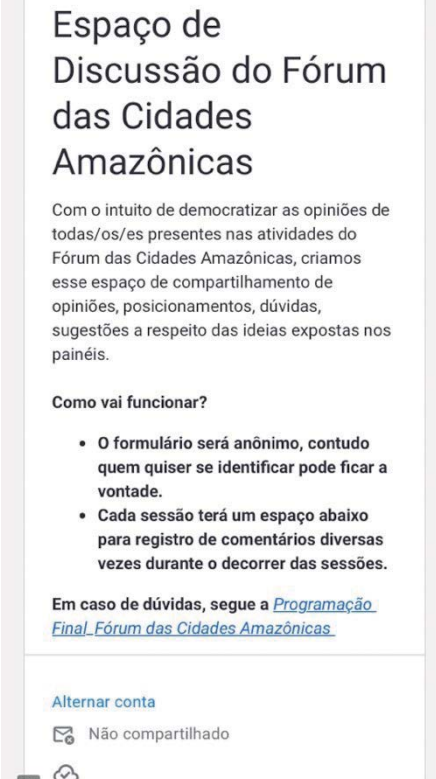
No segundo dia de Fórum, 4 de agosto, com a viabilidade de presenças além de autoridades políticas, mais debates eram propiciados, além da assinatura da Carta de Belém – o objeto final do Fórum das Cidades, resultado dos dois dias de discussões entre os que estavam presentes. Em determinado momento, representantes de movimentos sociais tiveram a oportunidade de expor as próprias dificuldades, considerações e sugestões para o melhoramento urbano nas cidades amazônicas – sempre importante reiterar que os movimentos sociais desenvolvem propostas, atuam coletivamente, agem como resistência à exclusão, além de lutarem pela inclusão social (Gohn, 2011).

Os representantes de movimentos sociais como Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Central de Movimentos Populares (CMT) e Organização Continental Latino Americana e Caribenha dos Estudantes (OCLAE), por exemplo, discursaram por um período de cinco minutos sobre pautas que transpassavam os assuntos do Fórum e as próprias experiências dos respectivos grupos. Os representantes que tiveram a oportunidade de discursar foram previamente escolhidos pela organização do evento.

Os cidadãos que sinalizavam a vontade de expor as considerações e opiniões sobre o que era discutido, mas que não tinham passado pelo

“processo seletivo” do evento recebiam o seguinte direcionamento: demais comentários sobre o Fórum deveriam ser feitos por meio de um *QR Code* (Figura 3). Nada seria veiculado ou comentado publicamente, os comentários seguiriam para formulários do *Google Docs* que, na melhor das hipóteses, seriam levados em consideração como sugestões para edições posteriores.

Figura 3 – Formulário para comentários sobre o Fórum



Espaço de Discussão do Fórum das Cidades Amazônicas

Com o intuito de democratizar as opiniões de todas/os/es presentes nas atividades do Fórum das Cidades Amazônicas, criamos esse espaço de compartilhamento de opiniões, posicionamentos, dúvidas, sugestões a respeito das ideias expostas nos painéis.

Como vai funcionar?

- O formulário será anônimo, contudo quem quiser se identificar pode ficar a vontade.
- Cada sessão terá um espaço abaixo para registro de comentários diversas vezes durante o decorrer das sessões.

Em caso de dúvidas, segue a [Programação Final. Fórum das Cidades Amazônicas](#).

Alternar conta

📧 Não compartilhado

🔒

Fonte: Acervo das autoras.

“Fórum das Cidades Amazônicas inicia em Belém para dar voz aos povos da região” (Fórum [...], 2023) é o título da matéria jornalística veiculada no portal *Agência Belém*. Pré-estabelecer representantes da sociedade civil para discursar por cinco minutos, não permitir que outros visitantes tivessem a possibilidade de expressar as próprias impressões e propostas, além da ausência de autoridades que escutassem o que era dito no momento de diálogo entre corpo civil e representantes políticos não traduz um evento aberto, disposto, disponível e acessível a trocas e diálogos com sujeitos de diferentes esferas de acesso e operacionalização às mudanças.

Ainda que a matéria citada anteriormente fale sobre a possibilidade de “dar voz”¹⁰ aos povos da região, é fato que a maioria das produções jornalísticas de eventos como o Fórum são produzidas a partir de entrevistas de representantes políticos. Na única matéria publicada pelo portal Agência Pará, portal de notícias do Governo do Estado do Pará, não há a fala de representações de movimentos sociais, assim como não há fotos dos representantes no momento de diálogo entre sociedade civil e autoridades.

Já no site oficial do Governo Federal, a matéria “Ministério das Cidades participa do Fórum das Cidades Amazônicas em Belém (PA)” (Ministério [...], 2023) cita a atuação dos representantes do Ministério das Cidades no Fórum, além de destacar fragmentos do discurso de algumas entidades ali presentes. Jader Filho (Ministro Cidades), em determinado momento, afirma que: “O intuito é que nossas cidades da Amazônia possam ser ouvidas” (Ministério [...], 2023). Logo depois, especifica: “Precisamos ouvir os prefeitos e, a partir da Carta de Belém, fazer com que o Fórum se fortaleça e suas decisões sejam levadas à frente para implementação de políticas públicas” (Ministério [...], 2023). Pressupõem-se que as vozes das cidades amazônicas são os prefeitos e percebe-se que, de fato, essa foi a premissa norteadora do evento, já que líderes de movimentos sociais, a sociedade civil, produtores de conhecimento científico, ou qualquer indivíduo que não recebesse o título de entidade política, não foram escutados.

Ao estudar o reconhecimento midiático com base na perspectiva hegeliana, Campanella (2019) argumenta que, de acordo com a ótica do filósofo, a partir do momento em que somos reconhecidos pelo outro, aproximamo-nos do outro e, ao mesmo tempo, aumenta-se a consciência sobre nossas próprias características. Tendo em vista que o meio midiático é uma importante forma de (re)conhecimento no momento atual, como seria possível uma aproximação entre diferentes setores da sociedade civil (inclusive com grandes nomes políticos), se os indivíduos não são reconhecidos para além dos que estão no convívio do cotidiano e usualmente visibilizados enquanto sujeitos de destaque nas mídias?

¹⁰ Utilizamos o termo para retornar o título da matéria, mas acreditamos que “dar voz” é inviável, pois os povos, grupos, indivíduos já possuem a própria voz. O que pode acontecer é a possibilidade de ampliar a escuta dessas vozes.

4 OS DITOS E NÃO-DITOS DO FÓRUM DAS CIDADES AMAZÔNICAS: MENSAGENS REPASSADAS POR INTERMÉDIO DE AÇÕES, OBJETOS, PALAVRAS

A partir da observação participante no Fórum das Cidades Amazônicas foi possível presenciar momentos que traduzem o funcionamento da grande maioria de eventos que falam sobre a Amazônia: estruturas são montadas; a Marca Amazônia faz-se presente; diálogos são prometidos; propaga-se a ideia de que o evento é um local acolhedor a partir dos símbolos inseridos no ambiente; a população que é atingida diretamente pelas ações discutidas não é escutada; cria-se um produto final que é, possivelmente, a repetição de algo já dito antes e que continua sem uma solução efetiva.

No “Fórum das Cidades Amazônicas”, o objeto final dos dois dias de debate entre, teoricamente, a população civil e as autoridades políticas, foi a Carta de Belém; o documento também foi apresentado na Cúpula da Amazônia¹¹ ao presidente Luís Inácio Lula da Silva. O objeto foi entregue em papel impresso aos prefeitos/prefeitas e *alcaldes/alcaldesas*, além de ter sido disponibilizado no meio digital para acesso do público (Carta de Belém, 2023).

Entre as decisões elaboradas na Carta de Belém estão a instituição de um Fórum das Cidades Amazônicas, que servirá como plataforma para que governos amazônicos troquem experiências e tratem coletivamente dos desafios encontrados em cidades; estabelecer um calendário de reuniões regulares para o Fórum instituído; promover um programa de urbanização sustentável; e contribuir para o diálogo internacional sobre mudanças climáticas, sustentabilidade e biodiversidade. A assinatura da Carta de Belém foi realizada em uma sala exclusiva, na área superior do Hangar, em que a autorização de acesso foi restrita aos prefeitos. Isso significa que a Carta de Belém não foi assinada por nenhum representante dos movimentos sociais que foram convidados a palestrar¹².

¹¹ Na Cúpula, um outro documento foi preparado – a “Declaração de Belém” – e assinado pelos presidentes que estavam no evento. A Declaração recebeu algumas críticas de ONGs ambientais. Márcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima afirmou: “Não é possível que, num cenário como esse, oito países amazônicos não consigam colocar numa declaração, em letras garrafais, que o desmatamento precisa ser zero e que explorar petróleo no meio da floresta não é uma boa ideia. Em resumo, o documento pecou pela falta de contundência” (Maes, 2023).

¹² Deve-se mencionar que é possível que alguns representantes políticos façam parte de movimentos sociais, mas no momento de assinatura da Carta, estes estavam como autoridades políticas, portanto, orientados por outras perspectivas (entram em questão partidos políticos, relações estabelecidas no ambiente da política brasileira, conflitos de interesse, dentre tantos outros).

A decisão de integrar representantes de movimentos sociais pressupõe que esses povos amazônicos estão inseridos em um contexto de mudanças históricas, e estão sujeitos às mesmas dinâmicas que o sistema socioeconômico e político-social insere outras comunidades (Fraxe; Witkoski; Miguez, 2009). A Carta de Belém, ou até mesmo o Fórum por inteiro, poderia ser um mecanismo de facilitação para a participação desses grupos nas tomadas de decisões do poder (Fraxe; Witkoski; Miguez, 2009), mas o objeto tornou-se mais um rastro da contínua exclusão de uma parcela específica da sociedade em momentos políticos que dizem respeito ao próprio espaço que habitam e que pode ser experienciada nos enquadramentos e composições comunicacionais, bem como na visibilidade midiática conferida a algumas temáticas e alguns sujeitos em detrimento de outros.

Ainda que a Carta de Belém ressalte que “[...] soluções eficazes para os problemas da região somente terão êxito com a participação ativa de suas populações” (Carta de Belém, 2023, p. 1), o que se parece é que existe um movimento de continuidade na descontinuidade moderno-colonial (Malheiro; Porto-Gonçalves; Michelotti, 2021). O pensamento que guia a realização dos eventos que discutem Amazônia é o mesmo, mas surgem novas formas de fazê-lo. Essa mensagem de (des)continuidade pode ser encontrada nos símbolos utilizados (que tem muitas das inspirações no olhar mitificado sobre a Amazônia), nas invisibilidades da sociedade civil e nas narrativas midiáticas que derivaram do Fórum, as quais direcionam os consumos de como a Amazônia deve ser percebida a partir da forma de como foi/é retratada e por quem é representada.

Ainda que pelo peso do evento e das autoridades que participaram, a Carta, ainda que como um símbolo, apresenta-se como algo vago e distante de ações concretas. A instituição de um Fórum de Cidades Amazônicas, primeiro item da lista de decisões, que “[...] servirá como plataforma para que os governos locais amazônicos cooperem, troquem experiências e melhores práticas, e tratem conjuntamente dos desafios sociais e ambientais enfrentados por suas cidades e territórios” (Carta de Belém, 2023, p. 2) indica que haverá, por exemplo, aos Chefes de Estado e do Governo da OTCA¹³, a solicitação da incorporação de lideranças femininas das regiões nas reuniões. A questão que surge é por que a incorporação de lideranças (femininas) regionais deve ser antes solicitada, se a presença da população civil-regional foi dita como tão importante pelo próprio documento.

¹³ Organização do Tratado de Cooperação Amazônica. Organização constituída por oito países-membros da América do Sul que possuem o bioma amazônico.

A segunda decisão da Carta é a organização de um calendário de reuniões regulares no âmbito do Fórum previamente mencionado, além de programações com cursos, oficinas, programas e projetos de cooperação técnica. Não há nenhuma data de divulgação dessas reuniões, ou um prazo de montagem para o calendário. A terceira decisão é a incrementação de “[...] um programa abrangente para a urbanização sustentável na região amazônica, que inclua a gestão e o planejamento do crescimento urbano” (Carta de Belém, 2023, p. 2), sem mais detalhes. Com a riqueza de autoridades no local – reitera-se, representantes políticos de cidades amazônicas do Brasil e de mais cinco países –, é possível, certamente, a idealização de mais providências que não soem repetitivas ou lugares comuns já tão amplamente utilizados nas narrativas político-midiáticas e que nem sempre reverberam em atitudes e ações concretas no sentido das mudanças/transformações sociais discutidas, almejadas e prometidas.

Como dito anteriormente, a Carta de Belém foi apresentada ao presidente do Brasil, Lula da Silva, e aos outros governantes que estavam presentes na Cúpula – dias depois da realização do Fórum. As discussões na Cúpula também deram origem a um documento oficial, a “Declaração de Belém”, que contém 113 objetivos e motivações transversais relacionados a região amazônica. A Declaração conta com um único tópico para a temática “Cidades Amazônicas”, que diz respeito a criação de um Foro para “[...] o fortalecimento da cooperação entre autoridades locais dos Estados Partes” (Declaração de Belém, 2023, p. 12).

A criação do Foro já havia sido mencionada durante o próprio Fórum e na Carta de Belém. O assunto surge na Declaração sem mais desenvolvimentos sobre as especificidades/vivências/lutas de cada região, como se a existência do tema no escrito oficial fosse apenas para cumprir obrigações. Reitera-se que tanto a Carta de Belém, quanto a Declaração são documentos legítimos e representam a questão urbana na Amazônia (mesmo que Declaração alcance outros tópicos), por isso a necessidade de validar a temática. Se, em ambos os eventos, o resultado das discussões foi insuficiente, questiona-se em que momento os interesses, as lutas, as vivências das cidades amazônicas serão enxergadas e discutidas de maneira satisfatória.

McCracken (2007) afirma que os objetos materiais contribuem para a construção do mundo culturalmente constituído, eles são capazes de registrar de maneira tangível algo que, sem eles, seria intangível. Diante de tantas (in)visibilidades em um evento com características tão significativas e um debate pertinente, os objetos que representam a floresta e os indivíduos

que nela habitam passam a transportar outros tipos de mensagem. Com o leque de congressos, redes de conversa, palestras que camuflam as ações excludentes com temas e ambientes receptivos, e por fim, com a consolidação dessas ações na Carta de Belém, assinada por um grupo exclusivo de pessoas, os objetos configurados no local passam a traduzir a ineficiência do compromisso de escuta. O consumo das tangibilidades e intangibilidades configuram ditos e não ditos do pensamento que guiou a realização do Fórum.

McCracken (2007) ainda alude a existência de fluídos de significação cultural nas coisas; o significado se transporta do mundo culturalmente constituído para o bem. O indivíduo consome os significados e as mensagens carregados pelos bens ativamente – existe uma troca, um diálogo entre o objeto e o sujeito, em que os usos interferem nas interpretações e vice-versa, sendo que as interpretações (e conseqüentemente os usos) podem mudar cotidianamente. Além das interferências dos sujeitos, o consumo das materialidades e simbolismos também recebe apoio de outros fatores: entram em questão as experiências, os discursos, as influências, dentre outros. E a partir desse pensamento, ressaltam-se as experiências vivenciadas pela população civil no Fórum das Cidades – experiência essa que influenciou os consumos no dia do evento e influenciará os consumos de eventos próximos que discutam temáticas amazônicas.

Alterar o consumo das imagens, da cultura material escolhida para representar o que é a Amazônia, bem como os povos que nela habitam e modificar o consumo das próprias experiências geradas por esses encontros/congressos é um dos caminhos para modificar o pensamento colonialista na (in)tangibilidade desses símbolos. Antônio Bispo dos Santos, conhecido também como Nêgo Bispo, militante do movimento social quilombola, destaca que “os colonialistas, povos sintéticos, são lineares e não transfluem, eles apenas refluem” (Bispo dos Santos, 2023, p. 30). Com a afirmação, Nêgo Bispo denuncia a linearidade do pensamento colonialista brasileiro, que dá continuidade a um processo iniciado há mais de 500 anos.

No âmbito do Fórum das Cidades Amazônicas, a linearidade e não-transfluência é encontrada tanto nas grandes evidências – entram aqui os cinco minutos contados que cada representante de movimentos sociais recebeu para discursar sobre os problemas que os afligiam, a ausência dos mesmos representantes de movimentos sociais na assinatura e nas propostas anexadas na Carta de Belém –, quanto nas sutilezas, como a perpetuação no

uso de símbolos que, ou tratam a Amazônia como parte de uma natureza intocada, ou como fonte de recursos econômicos onde os verdadeiros interesses são camuflados pelo discurso da sustentabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo, a partir do estudo de caso do Fórum das Cidades Amazônicas, evento que aconteceu em Belém do Pará, buscou realizar uma análise dos consumos, agenciamentos e jogos políticos presentes nas simbologias e (i)materialismo durante os dois dias de discussão entre autoridades e sociedade civil. Mesmo que o Fórum tenha acontecido apenas nos dias 3 e 4 de agosto de 2023, as marcas que nortearam o funcionamento dos debates e das disposições imagéticas, materiais e discursivas são, na verdade, a perpetuação de um pensamento fundado nas bases do colonialismo, que ainda enxerga a Amazônia como reserva econômica e os povos que a habitam como figurantes.

Dividido em três sessões, mais do que elucidar as possíveis invisibilidades que ainda ocorrem em grandes eventos sobre/na Amazônia, o artigo também almeja atizar novas pesquisas e olhares críticos aos debates promovidos aos habitantes de, quiçá, uma das regiões mais importantes do mundo. Não existe uma única Amazônia e por isso, não existe apenas um tipo de expressão cultural dos que a integram (Braga, 2009). É a partir do reconhecimento das múltiplas heranças, dos diversos processos sociais que ainda acontecem e das identificações amazônicas, que os simbolismos e materialidades poderão dialogar, mesmo que de forma limitada, com a realidade.

Objetivamos demonstrar os símbolos da marca Amazônia presentes em espaços que abrigam discussões sobre a região; essas simbologias passam a significar mensagens para além do misticismo amazônico, da diversidade cultural e ambiental do local. Essas simbologias passam a ser a “Marca” de eventos exclusivos, que são, de certa forma, a repetição de movimentos com princípios coloniais vivenciados pelos habitantes amazônicos, no caso do presente artigo, brasileiros, há muito tempo.

As mensagens ecoadas por eventos como o Fórum sobre a participação social tornam-se meras palavras vagas, como se apregoadas por uma obrigatoriedade tabelada; a escuta da população local, na verdade, não existe. Buscamos identificar os selecionados (reitera-se, selecionados, previamente selecionados) que discursaram por cinco minutos no momento

de diálogo entre autoridades e civis, mas a listagem de identificação desses indivíduos não foi disponibilizada, ela não existe – o que não viabiliza a amplificação dessas vozes no presente artigo. As indagações aqui contidas não desqualificam o Fórum das Cidades Amazônicas integralmente – houveram debates válidos, estimuladores de lutas políticas. Contudo, acreditamos na importância de questionar a funcionalidade de determinadas discussões e incentivar um debate que deve perpetuar.

Dentro de espaços que se proponham a compartilhar experiências e ideias para a construção de um ambiente favorável, é importante que se modifiquem os valores da própria sociedade, para que não haja repetições de ditos e não ditos, para que não haja a amplitude de um discurso fundado nas mesmas bases exploratórias e lucrativas. Afinal, quando a Amazônia será observada para além de uma região com oportunidades econômicas? E o que é o desenvolvimento das cidades amazônicas? Em que bases ideológicas esse desenvolvimento é construído e qual o barema que o orienta? Bispo dos Santos afirma que “o mundo é grande e tem lugar para todo mundo. O mundo é redondo exatamente para as pessoas não se atropelarem” (Bispo dos Santos, 2023, p. 33), e se o mundo é grande o suficiente para que as pessoas não se atropelam, o mundo é decerto grande o suficiente para que todos sejam escutados.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, O. **Marca Amazônia: o marketing da floresta**. Curitiba: CRV, 2016.

AMARAL FILHO, O.; CASTRO, F. F.; COSTA, A. C. S. **Marca Amazônia: estratégias de comunicação publicitária, ambientalismo e sustentabilidade**. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, SP, v. 10, n. 3, p. 105-118, 2015.

BELÉM. **Fórum das Cidades Amazônicas. Prefeitura Municipal de Belém**, Belém, 2023, Disponível em: <https://eventos.belem.pa.gov.br/fca2023/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BID. **Início. Banco Interamericano de Desenvolvimento**, Washington, DC, 2024. Disponível em: <https://www.iadb.org/pt-br>. Acesso em: 2 nov. 2023.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

BRAGA, R. O bem cultural na Amazônia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 33-36, 2009.

CAMPANELLA, B. Em busca do reconhecimento midiático: a autorrealização do sujeito na sociedade midiaticizada. **E-Compós**, Brasília, DF, v. 22, n. 1, p. 1-19, 2019.

CARTA DE BELÉM. [S. l: s. n.], 2023. Disponível em: <https://caubr.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/Carta-de-Belem.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2023.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

DALLA LIBERA, G.; CALGARO, C.; ROCHA, L. S. A insustentável sustentabilidade do capitalismo. **Revista Direito e Justiça: reflexões sociojurídicas**, Santo Ângelo, v. 20, n. 38, p. 137-155, 2020.

DECLARAÇÃO DE BELÉM. [S. l: s. n.], 2023. Disponível em: <https://otca.org/pt/wp-content/uploads/2023/10/Declaracao-de-Belem.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Nobel, 1995.

FÓRUM das Cidades Amazônicas inicia em Belém para dar voz aos povos da região. **Agência Belém**, Belém, 03 ago. 2023. Diálogos Amazônicos. Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Noticia/235916/forum-das-cidades-amazonicas-inicia-em-belem-para-dar-voz-aos-povos-da-regiao>. Acesso em: 2 nov. 2023.

FRAXE, T. J. P.; WITKOSKI, A. C.; MIGUEZ, S. F. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 30-32, 2009.

GIZ. Início. **Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit**, Berlim, 2024. Disponível em: <https://www.giz.de/en/worldwide/12055.html>. Acesso em: 2 nov. 2023.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Salvador, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.

HANGAR. Início. **Hangar Centro de Convenções da Amazônia**, Belém, s. d. Disponível em: <https://hangarpa.com.br/>. Acesso em: 14 out. 2023.

HANGAR PA. **Fórum de Cidades Amazônicas**. Belém, 08 ago. 2023. Instagram: @hangar_pa. Disponível em: https://www.instagram.com/hangar_pa/. Acesso em: 10 set. 2023.

HELDER Barbalho (MDB) é reeleito governador do Pará. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, DF, 02 out. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/helder-barbalho-mdb-e-reeleito-governador-do-para#:~:text=Tribunal%20Superior%20Eleitoral>. Acesso em: 2 nov. 2023.

LIMA, R. L. A.; GADELHA, D. Colonialismo: recorrências e dispersões no discurso do audiovisual amazônico. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 71-88, 2015.

MAES, A. C. Declaração da Cúpula da Amazônia não tem ações concretas, criticam ONGs. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/08/declaracao-da-cupula-da-amazonia-nao-tem-acoes-concretas-criticam-ongs.shtml>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MALHEIRO, B.; PORTO-GONÇALVES, C. W.; MICHELOTTI, F. **Horizontes Amazônicos**: para repensar o Brasil e o mundo. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo: Expressão Popular, 2021.

MCCRACKEN, G. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 99-115, 2007.

MILLER, D. **The comfort of things**. Cambridge: Polity, 2008.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz: Companhia das Letras, 2013.

MINISTÉRIO das Cidades participa do Fórum das Cidades Amazônicas em Belém (PA). **Governo Federal**, Brasília, DF, 04 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cupula-da-amazonia/mais-noticias/ministerio-das-cidades-participa-do-forum-das-cidades-amazonicas-em-belem-pa>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MONTAGEM Hangar e elevado. **Agência Pará**, Belém, 03 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/galeria/16812/montagem-hangar-e-elevado>. Acesso em: 21 jun. 2024.

MORAES, E. **Banho de cheiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

PEREZ, C. **Há limites para o consumo?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

PINTO, L. F. 'Não há futuro para a Amazônia'. [Entrevista cedida a] Cristina Serra. **Projeto Colabora**, [s. l.], 02 set. 2019. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods13/nao-ha-futuro-para-a-amazonia/>. Acesso em: 2 nov. 2023.

SOUZA, C. D.; DIAS, C. K. B. Arqueologia e Antropologia da agência: fundamentos da agência nos estudos da cultura material. **Revista de Arqueologia**, [s. l.], v. 35, n. 2, p. 208-226, 2022.

Submissão: 17/11/2023 • Aprovação: 14/06/2024